

COMPROMISSO VICENTINO

“Prometo observar fielmente o espírito e os preceitos da Regra da Sociedade de S. Vicente de Paulo, e procurarei dedicar-me ao serviço do próximo, nele vendo sempre o próprio Cristo, segundo os exemplos de Vicente de Paulo e de Frederico Ozanam: Assim Deus me ajude”.

Este compromisso, segundo a nossa Regra, deverá ser proclamado pelo novo vicentino, após uma fase de adaptação, com um mínimo de um ano de actividade.

A fórmula do compromisso é bem clara, pois para ele se concretizar, o tempo de adaptação deve, sem dúvida, incluir o pleno conhecimento do texto da Regra e, simultaneamente, as partes fundamentais da vida e obra de Vicente de Paulo e de Frederico Ozanam. Sem estes pressupostos o Compromisso reduzir-se-á apenas a uma formalidade simbólica, sem o verdadeiro sentido de um compromisso esclarecido que contenha, no seu âmago, a autêntica espiritualidade vicentina que se pretende atingir.

“O compromisso vicentino não tem nada de um voto compulsivo, pois não há nada mais livre nem mais reversível. Mas é um acto sério e quem o pratica aprende a conhecer-se, a verificar se o encontro com os «pobres» e com os vicentinos que se entregam ao serviço deles é ou não enriquecedor”. (Pierre Chouard)

A “Vocação Vicentina” é o coração da unidade da Sociedade de S. Vicente de Paulo, e “exprime claramente a significação profunda dessa unidade que deve ser concretamente sentida por todos os seus membros”.

Apesar da sua livre adesão à SSVP, os vicentinos têm deveres devidamente estabelecidos na nossa Regra.

Entre eles, encontra-se logo à cabeça o aprofundamento e conhecimento da Regra. Outro a assinalar é o da participação nas Assembleias e outras manifestações promovidas pela SSVP, a todos os níveis de Conferências, de Conselho de Zona, de Conselho Central e do Conselho Nacional.

Não vou, exaustivamente, enumerar todos os deveres, encaminhando a vossa atenção para o que se encontra expresso no Artº. 14º. do Regulamento Nacional.

Tenho verificado, de modo notório, a nível nacional, um certo afastamento de Conselhos Centrais às Assembleias Gerais que se têm realizado nos últimos tempos, aparentemente como demonstração de desinteresse por essas reuniões que devem ser consideradas primordiais para resolução dos problemas de fundo que afectem a vida vicentina nacional. Todos, não somos demais para opinar e ajudar a que as melhores soluções sejam atingidas.


Vamos, em paz, limpar as divergências e lutar pela unidade que se impõe.

Não é demais repetir o que já consta deste texto quando se diz que a vocação vicentina é o coração da unidade da SSVP e “*exprime claramente a significação profunda dessa unidade que deve ser concretamente sentida por todos os seus membros*”.

Na realidade, o compromisso é um factor importante, especialmente entre nós vicentinos, porque representa, para além do mais, um sentido de orientação em favor do bem comum.

Ele é, igualmente, um pólo importante de uma maior unidade de todos em torno do que é essencial para a defesa dos interesses elementares das pessoas a quem prestamos assistência e, também, daqueles que connosco trabalham no mesmo campo de acção.

É usual dizer-se que “dar” é fácil, mais difícil é “dar-se”.

O dar do cristão/vicentino é o dar-se aos outros, sendo um dar que engloba todas as formas de dádiva. Por isso, se não estamos presentes quando isso se torne necessário é, não só, uma quebra do “compromisso” que assumimos e dos deveres a ele inerentes, mas também uma grande falha na preocupação pelo “bem comum” no qual todos devemos estar empenhados e que é a principal razão da existência da Sociedade de S. Vicente de Paulo. 

HOMILIA DE BENTO XVI NA MISSA DE BEATIFICAÇÃO DE JOÃO PAULO II

Domingo, 1 de Maio de 2011

Amados irmãos e irmãs,

Passaram já seis anos desde o dia em que nos encontrávamos nesta Praça para celebrar o funeral do Papa João Paulo II. Então, se a tristeza pela sua perda era profunda, maior ainda se revelava a sensação de que uma graça imensa envolvia Roma e o mundo inteiro: graça esta, que era como que o fruto da vida inteira do meu amado Predecessor, especialmente do seu testemunho no sofrimento. Já naquele dia sentíamos pairar o perfume da sua santidade, tendo o Povo de Deus manifestado de muitas maneiras a sua veneração por ele. Por isso, quis que a sua Causa de Beatificação pudesse, no devido respeito pelas normas da Igreja, prosseguir com discreta celeridade. E o dia esperado chegou! Chegou depressa, porque assim aprouve ao Senhor: João Paulo II é Beato!

Desejo dirigir a minha cordial saudação a todos vós que, nesta circunstância feliz, vos reunistes, tão numerosos, aqui em Roma vindos de todos os cantos do mundo: cardeais, patriarcas das Igrejas Católicas Orientais, irmãos no episcopado e no sacerdócio, delegações oficiais, embaixadores e autoridades, pes-

soas consagradas e fiéis leigos; esta minha saudação estende-se também a quantos estão unidos connosco através do rádio e da televisão.

Estamos no segundo domingo de Páscoa, que o Beato João Paulo II quis intitular Domingo da Divina Misericórdia. Por isso, se escolheu esta data para a presente celebração, porque o meu Predecessor, por um desígnio providencial, entregou o seu espírito a Deus justamente ao anoitecer da vigília de tal ocorrência. Além disso, hoje tem início o mês de Maio, o mês de Maria; e neste dia celebra-se também a memória de São José operário. Todos estes elementos concorrem para enriquecer a nossa oração; servem-nos de ajuda, a nós que ainda peregrinamos no tempo e no espaço; no Céu, a festa entre os Anjos e os Santos é muito diferente! E todavia Deus é um só, e um só é Cristo Senhor que, como uma ponte, une a terra e o Céu, e neste momento sentimo-lo muito perto, sentimo-nos quase participantes da liturgia celeste.

«Felizes os que acreditam sem terem visto» (Jo 20, 29). No Evangelho de hoje, Jesus pronuncia esta bem-aventurança: a bem-aventurança da fé. Ela chama de modo particular a nossa atenção, porque estamos





Entretanto perpassa pelo nosso pensamento mais uma bem-aventurança que, no Evangelho, precede todas as outras. É a bem-aventurança da Virgem Maria, a Mãe do Redentor. A Ela, que acabava de conceber Jesus no seu ventre, diz Santa Isabel: «Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor» (Lc 1, 45). A bem-aventuran-

reunidos justamente para celebrar uma Beatificação e, mais ainda, porque o Beato hoje proclamado é um Papa, um Sucessor de Pedro, chamado a confirmar os irmãos na fé. João Paulo II é Beato pela sua forte e generosa fé apostólica. E isto traz imediatamente à memória outra bem-aventurança: «Feliz de ti, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne e o sangue que to revelaram, mas sim meu Pai que está nos Céus» (Mt 16, 17). O que é que o Pai celeste revelou a Simão? Que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus vivo. Por esta fé, Simão se torna «Pedro», rocha sobre a qual Jesus pode edificar a sua Igreja. A bem-aventurança eterna de João Paulo II, que a Igreja tem a alegria de proclamar hoje, está inteiramente contida nestas palavras de Cristo: «Feliz de ti, Simão» e «felizes os que acreditam sem terem visto». É a bem-aventurança da fé, cujo dom também João Paulo II recebeu de Deus Pai para a edificação da Igreja de Cristo.

ça da fé tem o seu modelo em Maria, pelo que a todos nos enche de alegria o facto de a beatificação de João Paulo II ter lugar no primeiro dia deste mês mariano, sob o olhar materno d'Aquela que, com a sua fé, sustentou a fé dos Apóstolos e não cessa de sustentar a fé dos seus sucessores, especialmente de quantos são chamados a sentar-se na cátedra de Pedro. Nas narrações da ressurreição de Cristo, Maria não aparece, mas a sua presença pressente-se em toda a parte: é a Mãe, a quem Jesus confiou cada um dos discípulos e toda a comunidade. De forma particular, notamos que a presença real e materna de Maria aparece assinalada por São João e São Lucas nos contextos que precedem tanto o Evangelho como a primeira Leitura de hoje: na narração da morte de Jesus, onde Maria aparece aos pés da Cruz (Jo 19, 25); e, no começo dos Actos dos Apóstolos, que a apresentam no meio dos discípulos reunidos em oração no Cenáculo (Act 1, 14).

Também a segunda Leitura de hoje nos fala da fé, e é justamente São Pedro que escreve, cheio de entusiasmo espiritual, indicando aos recém-baptizados as razões da sua esperança e da sua alegria. Apraz-me observar que nesta passagem, situada na parte inicial da sua Primeira Carta, Pedro exprime-se não no modo exortativo, mas indicativo. De facto, escreve: «Isto vos enche de alegria»; e acrescenta: «Vós amais Jesus Cristo sem O terdes conhecido, e, como n'Ele acreditais sem O verdes ainda, estais cheios de alegria indescritível e plena de glória, por irdes alcançar o fim da vossa fé: a salvação das vossas almas» (1 Ped 1, 6.8-9). Está tudo no indicativo, porque existe uma nova realidade, gerada pela ressurreição de Cristo, uma realidade que nos é acessível pela fé. «Esta é uma obra admirável – diz o Salmo (118, 23) – que o Senhor realizou aos nossos olhos», os olhos da fé.

Queridos irmãos e irmãs, hoje diante dos nossos olhos brilha, na plena luz de Cristo ressuscitado, a amada e venerada figura de João Paulo II. Hoje, o seu nome junta-se à série dos Santos e Beatos que ele mesmo proclamou durante os seus quase 27 anos de pontificado, lembrando com vigor a vocação universal à medida alta da vida cristã, à santidade, como afirma a Constituição conciliar *Lumen gentium* sobre a Igreja. Os membros do Povo de Deus – bispos, sacerdotes, diáconos, fiéis leigos, religiosos e religiosas – todos nós estamos a caminho da Pátria celeste, tendo-nos precedido a Virgem Maria, associada de modo sin-

gular e perfeito ao mistério de Cristo e da Igreja. Karol Wojtyła, primeiro como Bispo Auxiliar e depois como Arcebispo de Cracóvia, participou no Concílio Vaticano II e bem sabia que dedicar a Maria o último capítulo da Constituição sobre a Igreja significava colocar a Mãe do Redentor como imagem e modelo de santidade para todo o cristão e para a Igreja inteira. Foi esta visão teológica que o Beato João Paulo II descobriu na sua juventude, tendo-a depois conservado e aprofundado durante toda a vida; uma visão, que se resume no ícone bíblico de Cristo crucificado com Maria ao pé da Cruz. Um ícone que se encontra no Evangelho de João (19, 25-27) e está sintetizado nas armas episcopais e, depois, papais de Karol Wojtyła: uma cruz de ouro, um «M» na parte inferior direita e o lema «Totus tuus», que corresponde à conhecida frase de São Luís Maria Grignon de Monfort, na qual Karol Wojtyła encontrou um princípio fundamental para a sua vida: «Totus tuus ego sum et omnia mea tua sunt. Accipio Te in mea omnia. Praebe mihi cor tuum, Maria – Sou todo vosso e tudo o que possuo é vosso. Tomo-vos como toda a minha riqueza. Dai-me o vosso coração, ó Maria» (Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem, n. 266). No seu Testamento, o novo Beato deixou escrito: «Quando, no dia 16 de Outubro de 1978, o conclave dos cardeais escolheu João Paulo II, o Card. Stefan Wyszyński, Primaz da Polónia, disse-me: “A missão do novo Papa será a de introduzir a Igreja no Terceiro Milénio”». E acrescenta: «Desejo mais uma vez





agradecer ao Espírito Santo pelo grande dom do Concílio Vaticano II, do qual me sinto devedor, juntamente com toda a Igreja e sobretudo o episcopado. Estou convencido de que será concedido ainda por muito tempo, às sucessivas gerações, haurir das riquezas que este Concílio do século XX nos prodigalizou. Como Bispo que participou no evento conciliar, desde o primeiro ao último dia, desejo confiar este grande património a todos aqueles que são, e serão, chamados a realizá-lo. Pela minha parte, agradeço ao Pastor eterno que me permitiu servir esta grandíssima causa ao longo de todos os anos do meu pontificado». E qual é esta causa? É a mesma que João Paulo II enunciou na sua primeira Missa solene, na Praça de São Pedro, com estas palavras memorá-

veis: «Não tenhais medo! Abri, melhor, escancarai as portas a Cristo!». Aquilo que o Papa recém-eleito pedia a todos, começou, ele mesmo, a fazê-lo: abriu a Cristo a sociedade, a cultura, os sistemas políticos e económicos, invertendo, com a força de um gigante – força que lhe vinha de Deus –, uma tendência que parecia irreversível. Com o seu testemunho de fé, de amor e de coragem apostólica, acompanhado por uma grande sensibilidade humana, este filho exemplar da Nação Polaca ajudou os cristãos de todo o mundo a não ter medo de se dizerem cristãos, de pertencerem à Igreja, de falarem do Evangelho. Numa palavra, ajudou-nos a não ter medo da verdade, porque a verdade é garantia de liberdade. Sintetizando ainda mais: deu-nos novamente a força de crer

em Cristo, porque Cristo é o Redentor do homem – Redemptor hominis: foi este o tema da sua primeira Encíclica e o fio condutor de todas as outras.

Karol Wojtyła subiu ao sólio de Pedro trazendo consigo a sua reflexão profunda sobre a confrontação entre o marxismo e o cristianismo, centrada no homem. A sua mensagem foi esta: o homem é o caminho da Igreja, e Cristo é o caminho do homem. Com esta mensagem, que é a grande herança do Concílio Vaticano II e do seu «timoneiro» – o Servo de Deus Papa Paulo VI –, João Paulo II foi o guia do Povo de Deus ao cruzar o limiar do Terceiro Milénio, que ele pôde, justamente graças a Cristo, chamar «limiar da esperança». Na verdade, através do longo caminho de preparação para o Grande Jubileu, ele conferiu ao cristianismo uma renovada orientação para o futuro, o futuro de Deus, que é transcendente relativamente à história, mas incide na história. Aquela carga de esperança que de certo modo fora cedida ao marxismo e à ideologia do progresso, João Paulo II legitimamente reivindicou-a para o cristianismo, restituindo-lhe a fisionomia autêntica da esperança, que se deve viver na história com um espírito de «advento», numa existência pessoal e comunitária orientada para Cristo, plenitude do homem e realização das suas expectativas de justiça e de paz.

Por fim, quero agradecer a Deus também a experiência de colaboração pessoal que me concedeu ter longamente com o Beato Papa João

Paulo II. Se antes já tinha tido possibilidades de o conhecer e estimar, desde 1982, quando me chamou a Roma como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, pude durante 23 anos permanecer junto dele crescendo sempre mais a minha veneração pela sua pessoa. O meu serviço foi sustentado pela sua profundidade espiritual, pela riqueza das suas intuições. Sempre me impressionou e edificou o exemplo da sua oração: entranhava-se no encontro com Deus, inclusive no meio das mais variadas incumbências do seu ministério. E, depois, impressionou-me o seu testemunho no sofrimento: pouco a pouco o Senhor foi-o despojando de tudo, mas permaneceu sempre uma «rocha», como Cristo o quis. A sua humildade profunda, enraizada na união íntima com Cristo, permitiu-lhe continuar a guiar a Igreja e a dar ao mundo uma mensagem ainda mais eloquente, justamente no período em que as forças físicas definhavam. Assim, realizou de maneira extraordinária a vocação de todo o sacerdote e bispo: tornar-se um só com aquele Jesus que diariamente recebe e oferece na Eucaristia.

Feliz és tu, amado Papa João Paulo II, porque acreditaste! Continua do Céu – nós te pedimos – a sustentar a fé do Povo de Deus. Ámen. ☪

Benedictus PP XVI

*Bento XVI
(tradução oficial do Vaticano)*



SANTÍSSIMA TRINDADE

= Modelo e Fonte =

A meditação sobre a Trindade, em ambiente vicentino, leva-me para um aspecto muito dinâmico do Mistério Trinitário: o Amor e a Comunhão. Curioso verificar que o verbo “adorar”, na sua etimologia latina, sugere um olhar cara a cara, como filhos; um encontro boca a boca, como relação muito íntima... Na verdade, o Modelo e Fonte de toda a comunhão em Igreja e nas suas variadas expressões, em que se incluem as Conferências vicentinas, é o Deus que se revela na História como Pai, Filho e Espírito Santo. São três a viver uma comunhão tão grande e tão profunda que se constituem como “Um só”! Assim se expressa uma Vida em comunhão que cria e projecta comunhão. Fique claro, desde já, que a fé cristã nos diz claramente que «no princípio era a comunhão e não o Deus solitário, era o diálogo e não o silêncio e a ausência, era o amor dos Três e não o isolamento, era a “misericórdia e não o sacrifício”».

Com rosto de comunhão

– O Deus cristão é comunidade; relaciona-se connosco como comunidade e salva-nos como comunidade unitária. Tudo o que possamos dizer sobre Deus deve estar condicionado a esta verdade essencial, inclusive essa afirmação tão repetida de que “Deus é Amor”. Percebemos que Deus é Vida e Amor, na medida em que penetramos

um pouco no Mistério fundamental da Trindade. A Santíssima Trindade foi e vai continuar a ser o “Proto-mistério” do cristianismo, o primeiro dos Mistérios, porque é a principal manifestação de Deus a esta Humanidade: por este mistério, se revela muito do Projecto de Deus para nós – um Deus que é Comunidade e Amor.

– Bem expressivas, neste sentido, as palavras de Bruno Forte: *“Para o cristão não há nada tão vital e concreto como a fé na Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Toda a existência cristã está tingida do Mistério trinitário, não só no plano da existência pessoal, mas também no plano da vida eclesial e social. Não é uma casualidade que o abandono da Trindade da teoria e da prática dos cristãos tenha reflexos no exibicionismo e juridicismo que imperou frequentemente na concepção da Igreja, com consequências no plano político. Por isso, o “regresso” à “pátria trinitária” revela-se prometededor tanto para a eclesiologia como para toda a situação histórica do cristianismo... Este regresso é, porventura, o desafio mais fascinante que é colocado à Igreja de hoje e à teologia dentro dela.”*

Deus, Fonte de comunhão

– O nosso Deus, o Deus bíblico, não é solitário nem impessoal, como vamos dizendo. É Comunidade, é

Família, é Comunhão perfeitamente infinita, como diz a primeira carta de João: *“Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é Amor... Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele quem nos amou e enviou-nos o Seu Filho como Vítima de expiação pelos nossos pecados. Caríssimos, se Deus assim nos amou, devemos, nós também, amar-nos uns aos outros”* (1Jo. 4, 8-11).

- Deus é, de facto, Amizade, Amor, com o máximo de reciprocidade que possamos imaginar: Deus é Família, é Trindade. É, exactamente, a partir desta imagem do Deus-Família, do Deus-Trindade, que devemos entender toda a comunidade e, também essa comunidade vicentina a que chamamos “Conferência”. Escutemos, a este propósito, o que nos diz a Regra, no seu preâmbulo: *“Quem quer que um dia tenha desejado ser vicentino traduziu em acto o que é uma consequência da nossa fé cristã: não é somente o apelo absolutamente universal de Cristo ao espírito da caridade, pois é ainda uma nota particular desse apelo: o último desejo de participar pessoal e directamente no serviço dos pobres por um contacto de homem para homem, pelo dom pessoal do próprio coração com a sua amizade - e de o fazer numa comunidade fraternal de leigos animados da mesma vocação”*.
- Criados à imagem e semelhança de Deus (Gn. 1, 26) e chamados por pura iniciativa de Deus (Ef. 1, 5) a ser filhos e a viver em comunhão com as três Pessoas Divinas (1Jo.

1,3...), todos estamos estruturados, a partir de dentro, para a sublime vocação de viver em comunhão com Deus e com os irmãos. Aprofundemos um pouco tudo isto, que tem tudo a ver com a nossa vocação cristã e vicentina.

Uma comunidade de filhos

- A comunhão da Trindade, essa comunhão entre as três Pessoas Divinas abre-se em Dom para toda a criação e, muito especialmente, para toda a Humanidade. Dizem os teólogos e os místicos que “O Amor de Deus é difusivo até ao infinito”; e Vicente de Paulo meteu uma pequena variante no aforismo ao dizer que *“O Amor de Deus é inventivo até ao infinito”*. Este Amor de Deus faz-se Misericórdia (a palavra significa “coração voltado para a miséria”) e, por isso mesmo, se transforma num amor dramático, nomeadamente através da existência do Filho de Deus nesta terra e da Sua entrega no Mistério da Cruz.
- Mas esta entrega de Jesus não foi inútil, pois, através dela, fomos integrados na família dos filhos de Deus, passando a viver no âmbito da mesma vida trinitária: *“Que todos sejam um só como Tu, Pai, estás em Mim e eu em Ti; para que assim eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu me enviaste.”* (Jo. 17, 21)
- *“Nesse dia compreendereis que eu estou no Meu Pai, e vós em Mim e eu em vós. (Jo. 14, 20).* Torna-se claro que esta abertura da Trindade em “misericórdia” para a humanidade

limitada gera um tipo de comunhão ampla entre Deus e as pessoas desta terra, por meio de Cristo e do Espírito. Uma comunhão tão profunda que faz de nós e de todo o homem e mulher “filhos de Deus”. Esta a sublime dignidade que faz Ozanam escrever em carta ao amigo Janmot: *“Vós sois os nosso senhores e nós somos os vossos servos; vós sois para nós as imagens sagradas de Deus a quem não vemos; e, não sabendo amá-Lo de outro modo, nós O amamos nas vossas pessoas”*.

Uma comunidade de irmãos

- A partir do momento em que “o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rom. 5,5), ficam lançados os alicerces para um novo tipo de relações marcadas pela fraternidade. Gera-se, assim, um novo tipo de Humanidade, em que o outro não é um inimigo ou um objecto, mas uma pessoa e um irmão. De lado, as atitudes egoístas e fechadas, para que se manifeste o “Homem Novo” em todo o seu esplendor: *“Irmãos, de facto, foi para a liberdade que fostes chamados. Só que não deveis deixar que essa liberdade se torne numa ocasião para os vossos apetites carnis. Pelo contrário, pelo amor, fazei-vos servos uns dos outros. É que toda a lei se cumpre plenamente nesta única palavra: “Ama o teu próximo como a ti mesmo”. Mas, se vos mordeis e devorais uns aos outros, cuidado, não sejais consumidos uns pelos outros...”* (Gál. 5, 13-17)

- Pela Ressurreição de Jesus e pela Vinda do Espírito, iniciaram-se, em definitivo, “os tempos novos”, “os últimos tempos”. É o tempo do amor, o tempo da fraternidade, o tempo para a expansão da vida trinitária nos horizontes tantas vezes limitados e, mesmo egoístas, da nossa existência aqui. É possível, agora, que as pessoas - homens mulheres - iniciem uma vida de comunhão no Espírito, relacionando-se profundamente uns com os outros e partilhando a vida e os bens. Mais uma vez, por aqui se alargam os horizontes da vida trinitária, nesta “Nova Criação” onde, à luz do Espírito, se partilha amor, respeito, dons, a vida por inteiro: *“Caríssimos, se Deus nos amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros”* (1Jo. 4, 11).

Uma comunidade eclesial

- Creio que um dos aspectos mais conseguidos no Vaticano II foi trazer para a luz do dia uma concepção de Igreja que, não sendo nova, andava algo esquecida ou encoberta por muitas “poeiras”. Acima de tudo, o Concílio pôs em relevo a dimensão trinitária e espiritual da mesma Igreja. Relacionado com isto, surge, com toda a força, a reafirmação de “Igreja, Povo de Deus” marcada por realidades tão fortes como a comunhão e a participação.
- O certo é que a “Lumen Gentium” chama a atenção para a inspiração trinitária e pneumática que deve ser a “marca” da verdadeira Igreja.




Surge, desta maneira, a Igreja como “Povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (LG, 4). Ora, esta denominação de “Povo de Deus” tem o condão de valorizar, prioritariamente, aquilo que é comum a todos os batizados, pondo em relevo uma série de aspectos relacionados com uma comunhão inspirada na Trindade Santa.

- Assim, a Igreja aparece como uma espécie de “ícone da Trindade”. Como na Trindade há Três Pessoas que são “Um Só” pela comunhão no mesmo Espírito, também a Igreja é “Una”, na variedade dos carismas, das funções e ministérios e na diversidade das igrejas locais. A comunhão e unidade da “Família Trinitária” são modelo e inspiração para um autêntico funcionamento eclesial. Assim, a Igreja passa a ser olhada como obra da Santíssima Trindade e, por isso, está estruturada na comunhão e no amor, à ima-

gem e semelhança do que acontece no seio do Deus bíblico.

– Por tudo isto, nada estranha que tanto Vicente de Paulo como Ozanam vivam um verdadeiro amor à Igreja e encontrem nela o espaço privilegiado para simultaneamente adorar a Santíssima Trindade e encontrar, em cada pessoa e muito especialmente nas pessoas mais pobres, a ima-

gem do Deus Trino. Escutemos o Santo da Caridade: *“Não devo considerar um pobre camponês ou uma pobre mulher, do exterior, nem segundo o que transparece da capacidade do seu espírito; tanto mais que, muitas vezes, quase nem sequer têm aspecto nem espírito de pessoas racionais, a tal ponto são grosseiros e terrenos. Voltai, porém, a medalha, e vereis, na luz da fé, que o Filho de Deus, que quis ser pobre, nos é representado por estes Pobres”* (XI, 32).

Que a Virgem Nossa Senhora, Mãe e Padroeira de tantas obras vicentinas, nos ensine a viver uma relação viva e profunda com a Santíssima Trindade; ela que se assumiu como Filha muito querida do Pai, como Mãe extremosa do Filho e como fidelíssima Esposa do Espírito Santo. Que ela nos ensine a viver e a servir o Reino de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, na atenção e presença junto dos mais necessitados! 

SINAIS E SÍMBOLOS DO DEUS-TRINDADE

Como em todas as ocasiões em que tratamos do mistério divino, qualquer símbolo é apenas uma sombra e uma imagem muito diluída da verdade que nos fascina. Mesmo assim, somos ousados em usar de símbolos e imagens, não para desfigurar a profundidade e a beleza de Deus, mas para facilitar nosso balbúcio de filhos e filhas ao pretendermos dizer quem é o Deus-Trindade a quem amamos.

FAMÍLIA

A primeira imagem-símbolo que nos vem à mente é a da família bem constituída, onde temos três categorias de pessoas (pai, mãe, filhos), cada uma com carismas e encargos próprios. Também podem ser sinais da Trindade uma comunidade, um grupo de oração e reflexão, um grupo de amigos, onde as pessoas são diferentes, mas têm objectivos comuns, onde as alegrias são multiplicadas e os sofrimentos divididos, onde se aprende a conviver e a lutar juntos pela solução dos problemas.

São ainda símbolos muito comuns da Santíssima Trindade:

- três anéis entrelaçados, que podem ser vistos soltos para visualizar a Trindade das pessoas, ou sobrepostos para visualizar a unidade do ser divino;
- três velas acesas num só fogo;
- três pessoas abraçadas numa ciranda alegre e festiva;
- vaso de três flores da mesma espécie em três cores diversas;
- o triângulo equilátero.



O QUADRO DE RUBLEV

Outra imagem muito bonita é o quadro do artista russo, ortodoxo, **dos três homens de Mambré**, hóspedes de Abraão, figuras de Javé. No relato do Gênesis (capítulo 18), a própria linguagem trai o fascínio do mistério, às vezes usando o singular, às vezes o plural, para contar o facto. No qua-

dro, o pintor Rublev, do século XIV, apresenta os três com rosto idêntico para mostrar a mesma identidade, mas com roupagens e posições diferentes para indicar a distinção de cada um.

Um outro quadro é o dos três círculos entrelaçados, um desenhado com a mão aberta para baixo para representar o cuidado providencial do Pai, outro com a cruz para simbolizar a entrega amorosa do Filho e outro com a pombinha para significar a liberdade irradiante do Espírito.

NATUREZA

Muitos elementos da natureza podem ser apreciados em sua ternariedade (três aspectos).

Nas plantas vemos: na raiz, o Pai que dá segurança e sustento; no tronco, o Filho que se apresentou como videira pela qual nos vem a graça; no fruto, o Espírito Santo com seus dons e carismas.

Na água temos três estados que lembram: no sólido/gelo, o Pai fundamento de todas as coisas; no líquido/fluidez, o Filho em sua caminhada pelo mundo; no gasoso/va-

por, o Espírito Santo em sua presença misteriosa em todas as coisas.

Na água temos ainda três formas: a fonte, na qual percebemos o Pai, origem de todas as coisas; o rio, no qual vislumbramos o Filho que vem do Pai e atravessa o mundo; o mar, no qual entrevemos o Espírito Santo, a confluência de todas as nossas acções.

Três astros marcam profundamente a nossa existência: o sol, que é imagem do Pai que nos aquece em seu amor; a terra, que é símbolo do Filho no qual e a partir do qual temos a vida; a lua, que é sinal do Espírito Santo a nos iluminar as mentes nas noites escuras da fé.

O espaço é tridimensional: a altura nos recorda o Pai que está no alto dos céus; a largura nos lembra o Filho que veio a nós no espaço e no tempo; a profundidade nos indica o Espírito Santo que infunde o amor em nossos corações.

O tempo se apresenta em três movimentos: o passado para significar o Pai, origem de tudo; o presente para simbolizar o Filho, nosso companheiro de viagem na história da humanidade; o futuro para o qual nos conduz o Espírito Santo. ☪

REFLECTINDO

- 1) Como estes símbolos nos ajudam a entender o mistério de Deus-Trindade?
- 2) Qual desses símbolos é o mais interessante? Porquê?
- 3) Que outros símbolos poderíamos acrescentar?

ASSOCIAÇÃO – SSVP SOCIEDADE DE S. VICENTE DE PAULO – PORTUGAL

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Foi realizada, conforme o estabelecido, a Assembleia Geral Ordinária da nossa Associação, no dia 19 de Março último, com início pelas 10.00 horas e dez minutos, no Santuário do Cristo Rei, em Almada, diocese de Setúbal.



Começou com as habituais orações da Regra da SSVP, pelo Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Carlos Taveira Prazeres, que substituiu o seu titular devido a impedimento profissional, tendo como 1.º Secretário, Ana Catarina Sécio e como 2.º Secretário, Maria de Fátima Leitão. Na Mesa que presidiu, encontrava-se também o Presidente da Direcção Nacional, António Correia Saraiva.

Nesta Assembleia estiveram presentes ou representados os seguintes Conselhos:

Aveiro, Beja (por representação), Braga, Évora, Funchal, Guarda, Leiria, Lisboa, Porto (por representação), Santarém e Setúbal.

Justificaram a ausência os Conselhos



de Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.

Foi dispensada a leitura da Acta da Reunião anterior, dado todos os Conselhos Centrais já terem recebido a mesma. Posta à votação, a Acta foi aprovada por maioria com duas abstenções.

De seguida, o Presidente Nacional solicitou ao Presidente da Mesa que fosse acrescentado um ponto à Ordem de Trabalhos, sobre o “Cartão Vicentino”, o que foi aceite pela Assembleia.

O Presidente informou que já foi feito um terço dos cartões vicentinos, os quais vão ter o custo de € 2,00 (dois euros), por unidade.

Informou ainda que o cartão n.º 1 foi atribuído ao vicentino Fernando Reis, pelo trabalho que desenvolveu ao longo de muitos anos, tendo-lhe feito pessoalmente a entrega nesta Assembleia.

Mais informou que o n.º. 2 foi atribuído ao antigo Presidente Nacional, Manuel Torres da Silva, o n.º. 3



ao Presidente da Assembleia Geral, Manuel Carvas Guedes e o nº. 4 ao actual Presidente Nacional, António Correia Saraiva. A partir deste último todos os números vão ser aleatórios.

Fernando Reis pediu o uso da palavra ao Presidente da Mesa, agradecendo sensibilizado o cartão, pedindo a todos que dessem tudo por tudo pela SSVP.

Tivemos o momento de reflexão feito pelo Padre Acílio, da diocese de Setúbal, Conselheiro Espiritual do respectivo Conselho Central, sobre o dia de S. José, 19 de Março, tendo ligado este ao serviço do voluntariado, considerando S. José como um modelo Vicentino para todos nós.

Foi, depois, apresentado o Relatório de Contas do Conselho Nacional respeitante ao ano de 2010, que foi discutido, com variadas intervenções, às quais foram sendo dados os esclarecimentos solicitados. Igualmente, foi lido o respectivo “Parecer do Conselho Fiscal” sobre as Contas e Relatório.

Colocados à votação pelo Presidente da Assembleia, estes documentos foram aprovados por unanimidade.

O Presidente Nacional agradeceu a aprovação considerando-a um reconhecimento pelo esforço desenvolvido.

Sobre a “Peregrinação Nacional a Fátima”, o Presidente Nacional informou que a animação na Assembleia

e a Vigília de Oração iam ser organizadas pelo Conselho Central de Aveiro.


Pediu ainda autorização à Assembleia para que, no dia da Peregrinação, se fizesse uma colecta que revertesse a favor do Conselho Nacional propondo ainda que, anualmente, se fizesse uma colecta na Peregrinação, cujo valor revertesse para uma Obra da SSVP. Estes pedidos, apresentados à votação, foram aprovados por unanimidade.



Chegou então a altura dos Conselhos Centrais apresentarem sumariamente, as suas actividades e problemas, que foram devidamente apreciados.

Pelas 16.35 horas tivemos a intervenção do Senhor Bispo de Setúbal, D. Gilberto Canavarro dos Reis que agradeceu o convite e louvou termos escolhido o Santuário do Cristo Rei para a realização do Encontro. Ficou contente com o conjunto de pessoas neste movimento e deu os parabéns pelos trabalhos realizados em conjunto com a Cáritas, acrescentando:

- São as mãos de Cristo Rei a acolher os que precisam;
- Quantas pessoas não precisam de uma palavra amiga, não só dos alimentos.
- Continuem com este espírito.

O Presidente da Assembleia agradeceu a presença de todos, dando os trabalhos por encerrados eram 16:55 horas. 

PEREGRINAÇÃO NACIONAL VICENTINA

Fátima – 16 e 17 de Abril de 2011 sob o tema

“Santíssima Trindade, Adoro-Vos Profundamente”

Dentro da tradição que, ao longo dos anos anima a Sociedade de S. Vicente de Paulo, em Portugal, reuniram-se no Santuário de Fátima alguns milhares de vicentinos e vicentinas, do Continente e regiões autónomas da Madeira e Açores, em Peregrinação organizada pelo Conselho Nacional de Portugal.

Pelas 14.30 horas do dia 16, após a concentração dos peregrinos na Cruz Alta, foi iniciado o desfile até à Capelinha, onde teve lugar a Saudação a Nossa Senhora, pelo Padre Manuel Nóbrega, na sua qualidade de Conselheiro Espiritual do Conselho Nacional, estando também presentes o Presidente da Direcção Nacional, António Correia Saraiva, e o Presidente da Assembleia Geral, Manuel Carvas Guedes, tendo os vicentinos, como habitualmente, renovado o seu “Compromisso”.

Após a cerimónia na Capelinha, os peregrinos dirigiram-se para a Igreja da Santíssima Trindade onde, pelas 16.00 horas, teve início a Assembleia.

Presidiu Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Manuel da Rocha Felício, Bispo da Guarda, que se encontrava acompanhado pelo Presidente Nacional, pelo Presiden-

te da Assembleia Geral, pelo Padre Manuel Nóbrega e pelo orador escolhido, Prof. Dr. João César das Neves.



A Assembleia começou com as orações da Regra da SSVP para o início de todas as reuniões, seguindo-se algumas palavras de abertura pelo Presidente Nacional que apresentou os componentes da Mesa, dando de seguida a palavra ao Conselheiro Espiritual que reflectiu sobre o tema “Santíssima Trindade – Modelo e Fonte”, texto que transcrevemos em separado.

Após a chamada dos Conselhos Centrais, foi a vez da animação que coube, este ano, aos jovens do Conselho Central de Aveiro que, com muita dignidade, desenvolveram o tema que, igualmente, publicamos em separado, com um muito bem elaborado efeito cénico.



Como estava programado, coube ao Prof. Dr. João César das Neves, com a sua intervenção como orador oficial da sessão, versar o tema “Sanctíssima Trindade, adoro-Vos profundamente” que desenvolveu com a sua habitual mestria e poder de comunicação, mantendo a Assembleia muito atenta ao texto apresentado. Por escassez de espaço neste Boletim, o referido texto será publicado no do próximo mês de Junho.



Terminada esta muito aplaudida intervenção, o Presidente Nacional deu a palavra ao Presidente da Assembleia Geral, Manuel Carvas Guedes, que proferiu palavras de estímulo para os vicentinos portugueses nesta hora difícil que o país está a atravessar, tendo nas suas palavras saudado o vicentino Fer-

nando Reis, Presidente Honorário da SSVP em Portugal, presente na Assembleia.

Apelou ainda para a unidade vicentina, pois Portugal precisa de todos nós para levar a bom porto os graves problemas económicos e sociais existentes.

Por fim, o Presidente do Conselho Nacional, António Correia Saraiva, em palavras conclusivas agradeceu, muito especialmente, ao Senhor D. Manuel da Rocha Felício, ter acedido ao convite para presidir à Assembleia, facto que a todos muito sensibilizou. Agradeceu igualmente ao Dr. João César das Neves o excepcional trabalho apresentado, pela oportunidade e riqueza do seu conteúdo.

A encerrar a Assembleia, o Senhor Bispo da Guarda disse quanto lhe tinha sido agradável ter estado neste encontro nacional dos vicentinos, em Fátima, como local privilegiado para o evento. Congratulou-se com



a acção vicentina que vem sendo exercida nestes tempos difíceis para o país, acção que a Conferência Episcopal igualmente reconhece.

O primeiro dia da Peregrinação terminou com a recitação do terço na Capelinha, a que se seguiu, pelas 22,30 horas, na Igreja da Santíssima Trindade, uma Vigília de Oração, animada pelos vicentinos do Conselho Central de Aveiro, sob a orientação do Diácono Dr. Augusto Gomes Semedo, Conselheiro Espiritual do referido Conselho.

O Domingo, dia 17, começou com a Procissão dos Ramos até ao Altar Exterior da Basílica onde, pelas 11.00 horas, tivemos a celebração da Santa Missa, presidida pelo Bispo de Leiria-Fátima, D. António Marto.

Na homilia que proferiu referiu-se, de modo especial, à Peregrinação



Nacional Vicentina e enalteceu o papel importante que, neste momento da vida portuguesa, exercem as Conferências de S. Vicente de Paulo na ajuda aos antigos e novos carenciados que afluem de todo o lado.

Antes da bênção final, o Presidente do Conselho Nacional, António Correia Saraiva, leu a Consagração a Nossa Senhora que foi acompanhada pelos milhares de vicentinos presentes. 🌐

Sermos bons com os outros e com nós próprios, ajudá-los a viver, ajudarmo-nos a viver, eis a verdadeira caridade.

Alain

PEREGRINAÇÃO NACIONAL A FÁTIMA - 2011

Animação na Igreja da Santíssima Trindade

Narrador:

Era filha de Reis. Nem por isso foi mais feliz do que a maior parte de vós. Sua Mãe morreu quando não tinha ainda 4 anos. Soube o que é a dor e a saudade de não ter mãe.

Antes de morrer, sua Mãe deu-lhe 1 irmãozinho. Chamava-se João. Eram amigos – é certo – mas de temperamento muito semelhante. Sua preceptora D. Brites de Menezes dizia que eram os dois muito teimosos. Quando é que a teimosia deixa de ser teimosia para ser apenas constância e firmeza de carácter?

Já não conheceu D. Pedro, seu avô materno. Morreu em Alfarrobeira. Aquele recontro – que devia ter sido um encontro – entre seu pai e seu avô, amargurou para sempre a vida de seu pai. Dizem que a partir de então se tornou diferente. Ela viveu no rescaldo dessa contenda. Viu aquilo de que os homens são capazes quando, em vez de se amarem, se odeiam. Passou a conhecer melhor os homens e as mulheres, as coisas grandes e belas, mas também as coisas mesquinhas de que são capazes. Isso ajudou-a a amadurecer mais depressa. Não há nada como o sofrimento e a responsabilidade para fazer amadurecer as pessoas.

Nem todos aqueles que a rodeavam no paço da Rainha, onde vivia confiada à vigilância e ao carinho da fidalga e virtuosa D. Brites, eram modelos de vida santa e honesta. As damas da corte de uma princesa não são todas como os anjos da corte celestial. Há as pessoas que passam a vida a ver-se ao espelho, a espreitar por detrás das cortinas o namorado que não chega ou tarda em chegar, as que tecem intrigas umas com as outras, exactamente como as meninas que vós próprios conheceis.

Fez-lhe Deus a mercê de, muito cedo, lhe dar conta de que a vida tem um sentido. Quando leu no sagrado Evangelho a palavra de Jesus: “o Reino dos céus é semelhante a uma pérola de elevado preço que um homem encontrou: depois de a ter encontrado, foi, vendeu tudo quanto tinha e comprou aquela pérola”, – quando leu estas palavras, pensou que elas eram ditas para ela. Pouco a pouco uma certeza se foi firmando em seu coração: queria alcançar esta pérola.

Princesa:

Só o tempo me foi revelando o que estava escondido por detrás desta parábola.



Havia no paço um oratório. Um oratório que era meu, onde eu podia recolher-me sem a presença de aias ou de testemunhas. Aí, nesse recolhimento, eu passava horas a pensar. Pensava no amor que Deus nos tem. Amor tão grande, que mandou o seu Filho único ao mundo para nos salvar. Comecei então a ler os sagrados Evangelhos do princípio ao fim. Dizem eles que, além dos Apóstolos, havia também mulheres que seguiam Jesus de perto. Entrou em mim o desejo de ser do grupo dessas mulheres.

A ter de me decidir por esta imitação de Cristo, eu desejava que fosse de uma maneira radical. Teimosa como era, não estava no meu feitio deter-me a meio caminho.

Ficai sabendo que as filhas dos reis têm menos liberdade do que as filhas dos aldeões. Para ir do Paço ao Rossio, era preciso movimentar

meio mundo. Impensável sair sozinha. Como eu, às vezes, tenho inveja de vós! Apetecia-me descer à Ribeira, passar a tarde com uma velhinha, arrumar-lhe a casa, penteá-la, ler-lhe uma passagem da Bíblia. Mas coisas dessas não me eram permitidas. É terrível ser-se filha de rei. Acreditai-me: é uma espécie de escravidão doirada.

Quem me dera ser livre, não para passar as noites numa discoteca ou tomar parte nesses concursos snob – snob sim, pois não têm nobreza alguma – de “misses” que vocês (ou alguém por vocês, pobres raparigas!) agora inventaram, mas para realizar um belo ideal de dedicação pelos outros, como fizeram parentes minhas (D. Isabel de Portugal, por exemplo) ou tantas outras que passaram a vida a fazer o bem e só no coração de Deus deixaram escrito o seu nome!

Narrador:

Um dia decidiu-se. Não esqueçais que era mulher: tinha a astúcia das filhas de Eva. Seu pai regressava de Arzila, da guerra contra os mouros. Regressava vitorioso. Vestiu o seu vestido de veludo verde. O verde é a cor da esperança. Adornou-se com as suas jóias. Dizem que ia bonita. Quando seu pai desceu em terra, dirigiu-se a ele para o saudar. Era a ela que competia fazê-lo, dada a sua condição. Pôs em jogo todos os recursos humanísticos que os seus mestres lhe haviam ensinado.

Recordo-me de que o seu discurso terminava assim:

Princesa:

Quando os antigos imperadores regressavam vitoriosos de alguma campanha bélica, para mostrar a sua gratidão aos deuses, ofereciam-lhes o melhor que tinham, dando para o seu serviço a filha mais prendada. Vossa Majestade – que é cristão – não será menos generoso para com Deus verdadeiro do que os pagãos o eram para com os seus ídolos. Peço-lhe que me permita fazer profissão de vida religiosa onde Deus for servido chamar-me.

Senti que uma nuvem de tristeza perpassou pelo semblante de meu pai. Meu irmão e os outros nobres que o acompanhavam não esconderam a sua reprovação, olhando uns para os outros e vozeando. Fiz de conta que não percebi. O que in-

teressava era que meu pai dissesse que sim. E meu pai disse que sim.

Narrador:

Não sabeis, quantas barreiras foi preciso vencer para seguir a sua estrela. Até os representantes do povo fizeram sua a questão: que ela não tinha direito de dispor de si mesma, que havia razões de Estado que se sobrepunham à sua própria vontade...

Conseguiu sair, (sempre debaixo de escolta!), para o convento cisterciense de Odivelas, nos arrabaldes de Lisboa. Pois mesmo ali vieram, acompanhados de testemunhas e notários, os procuradores do povo, tentando impedir, primeiro com promessas e depois com ameaças, que ela seguisse o seu caminho.

Mas estava decidido. Havia uma força interior que a impelia. Não era o mundo que ela detestava. Longe disso. Era o amor de Jesus Cristo que a chamava, e a chamava para segui-Lo, onde mais perto O pudessem imitar e servir.

De Odivelas conseguiu chegar a Coimbra. Não imaginais o que foi essa viagem no pino do verão de 1472. A sua comitiva, da qual fazia parte o seu próprio pai, insistia em que ficasse em Coimbra, no mesmo mosteiro onde tinha vivido a Rainha Santa D. Isabel de Portugal. Era um convento grande - diziam - à beira de uma bela cidade. Não lhe faltariam ali visitas, conforto e amizade.


Mas ela não tinha saído de casa para isso.

O seu desejo e a sua meta era o mosteiro de Jesus de Aveiro – não o mosteiro engrandecido que vós agora conheceis, mas a casa pobre e humilde fundada por D. Brites Leitão, longe do bulício do mundo. Ela estava informada de que em Aveiro, a sua pequena Lisboa, podia encontrar a humildade e a pobreza. Foi nessa vivência que aplicou as rendas que possuía no socorro dos pobres. A sua caridade era tão grande que depressa ficou conhecida como santa. Mas a bela princesa adoeceu de peste e morreu em grande sofrimento. Quando o seu enterro passou pelos jardins do convento deu-se um facto insólito: as flores que ela havia tratado em vida caíam sobre o seu caixão prestando-lhe uma última homenagem.

Seguiu o que leu nos Evangelhos: “Amarás ao Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10, 27). Um doutor da Lei perguntava: “Quem é o meu próximo?” (Lc 10, 29) e recebe uma resposta clara à sua pergunta: O próximo é todo o ser humano, sem excepção. É inútil perguntar sobre a sua nacionalidade, a sua pertença social ou religiosa. Se está em necessidade, é preciso ir ajudá-lo. É isto que pede a primeira e a maior Lei divina, a lei do amor de Deus ao próximo.

Narrador 2:

Também fiel a este mandamento do Senhor, Frederico Ozanam acreditou no amor, no amor que Deus tem por todos os homens. Ele mesmo se sentiu chamado a amar, dando o exemplo de um grande amor de Deus e dos outros. Ia ao encontro de todos os que tinham necessidade de ser amados, daqueles a quem Deus-Amor não podia ser efectivamente revelado senão pelo amor duma outra pessoa. Ozanam descobriu nisto a sua vocação, viu o caminho para o qual Cristo o chamava. Encontrou nisto o seu caminho rumo à santidade. E percorreu-o com determinação.

Frederico Ozanam amava todos os necessitados. Desde a sua juventude, tomou consciência de que não bastava falar da caridade e da missão da Igreja no mundo: isto devia traduzir-se num empenho efectivo dos cristãos no serviço dos pobres. Estava assim em sintonia com a intuição de São Vicente: “Amemos a Deus, meus irmãos, amemos a Deus, mas que isto aconteça com os nossos braços e com o suor do nosso rosto” (S. Vicente de Paulo, XI, 40). Para o manifestar de maneira concreta, com a idade de vinte e cinco anos, com um grupo de amigos, criou as Conferências de São Vicente de Paulo, cuja finalidade era a ajuda aos mais pobres, num espírito de serviço e de partilha. Bem depressa, estas Conferências difundiram-se fora de França, em todos os países da Europa e do mundo, que proliferaram até aos dias de hoje. 

Conselho Central de Coimbra

Padre Jeremias Vechina orientou dia de retiro espiritual

No dia 19 de Março, e na Casa da Sagrada Família, em Coimbra, os vicentinos desta Diocese viveram um dia muito enriquecedor e proveitoso. Foi a sua “Recoleção de Quaresma”, de que foi orientador o Padre Jeremias Carlos Vechina, ocd, que, na sua ligeira apresentação pessoal, também incluiu o ter sido, em tempos, Conselheiro Espiritual de Vicentinos em Aveiro.

Com uma programação impecável e rigorosamente cumprida, ali foram vividos momentos altos, de renovação, aprofundamento de fé e crescimento espiritual, uns e os outros muito bem recebidos pela numerosa assistência que ouviu, atenta, e foi colaborando activamente, segundo as indicações com que o nosso Presidente, Luís Subtil, ia, momento a momento, encaminhando os trabalhos e orientando, passo a passo, cada uma das alíneas contidas nas oito páginas da programação inicialmente distribuída por cada um dos participantes nesta tão apreciada “Recoleção Quaresmal”, iniciada com uma apelativa “Oração de Laudes”.


O Padre Jeremias, Carmelita Descalço, centrou a sua intervenção da manhã no Evangelho de S. João, «Viagem (de Jesus) na Samaria e na Galileia», directamente no episódio do Encontro do Mestre com a Samaritana, junto do poço de Jacob, que nos recordou através de uma leitura directa, procedendo, depois, a uma explicação, tão simples quanto profunda, de cada pormenor, de tudo aquilo que nós lemos e relemos, continuando, tal como em qualquer poço real, sem lhe ver o “fundo”... Assim, por certo, todos nós sentimos, mais uma vez, a grandeza e um sentido mais alargado de cada uma daquelas palavras e expressões que

quase nos parecem rotineiras, sem o serem... Penso que nós, cristãos (não só vicentinos), precisávamos de mais “retiros” e mais “recolecções quaresmais”, mesmo fora da Quaresma... Disse-nos o Padre Jeremias que a Samaritana, somos todos nós, o Povo de Deus, e o “poço”... todo o lugar de encontro com Ele... Aquele sacerdote disse-nos tantas coisas... Deu-nos tantas “novidades”!...

A manhã deste belíssimo Retiro, teve muitos mais momentos, de oração, de reflexão através da leitura de Salmos de Cânticos escolhidos com mestria, e até de curtas leituras intermediárias, feitas por um ou outro que, espontaneamente se disponibilizou...

Após o almoço, servido muito gentilmente num dos salões destinados a refeições de Movimentos que, com muita frequência, escolhem esta Casa pelo seu notório bom acolhimento, e também espaço, regressámos ao (nosso) Salão, onde o Padre Jeremias nos deu conhecimento de muitos e muito significativos momentos das vidas de Santa Teresa de Ávila e S. João da Cruz. Aqui, o tempo “voou”, assim nos pareceu.

«Vamos ter de interromper, para, em recolhimento, nos dirigirmos à Capela, onde nos prepararemos para a Eucaristia e Exposição do Santíssimo Sacramento», ouvimos.

Assim terminou, e da melhor maneira, um dia de autêntico crescimento na fé. 



Teresa Martins

Conselho Central do Porto

Conselho de Zona de Terras de Santa Maria Conferência S. Miguel – Oliveira de Azeméis

O Dinamismo das nossas Conferências Espaço Solidário Pe. Albino Fernandes

O homem sonha, Deus quer e a obra nasce!

Quando se fala em sonho vêm quase sempre à nossa memória os versos do poeta: “- o sonho comanda a vida e sempre que o homem sonha, o mundo pula e avança.”.

Vem isto a propósito do Espaço Solidário Pe. Albino Fernandes, a funcionar nas instalações da paróquia de Oliveira de Azeméis, desde Fevereiro de 2010, em parceria com o Lar de S. Miguel, que é a mais antiga estrutura social da mesma paróquia.

A existência deste espaço concretizou-se a partir da análise de muitas situações de carência alimentar, que chegavam ao conhecimento da Conferência, as quais necessitavam de uma resposta diferente da habitual ajuda que é prestada mensalmente.



Em comunhão de ideias com o nosso pároco, muito atento e sensível a estas causas, e com a Direcção do Lar de S. Miguel, tornou-se possível criar um espaço onde diariamente se distribuísse pelo menos uma sopa, às famílias sinalizadas pelos vicentinos.

Fizeram-se então obras de adaptação

do espaço, tornando o mesmo funcional para o fim em vista.

O Lar S. Miguel dá um apoio vital a este serviço, confeccionando e preparando todos os alimentos distribuídos.

Para o normal funcionamento contamos desde o início com um grupo alargado de generosos voluntários(as), que se disponibilizaram durante toda a semana (domingo incluído) das 18.30 às 19.30 para atender as famílias.



São já cerca de 50 o número de famílias beneficiárias a quem diariamente se serve sopa, sandes, fruta e iogurtes, tendo em conta o número de pessoas do agregado familiar.

As quantidades fornecidas tornam possível o almoço do dia seguinte.

Louvamos o Senhor por todos aqueles que, por amor de Deus, na pessoa do pobre, têm contribuído para esta causa tão nobre. ☕

Marcelo Ribeiro
In “Escalada”

RELATÓRIO E CONTAS DO EXERCÍCIO DE 2010

Nos termos do disposto na alínea b) do n.º 1 do artigo 64º do Regulamento Nacional, assim como da alínea b) do n.º 2 do artigo 13º dos Estatutos da Associação SSVP - Sociedade de São Vicente de Paulo de Portugal, é da competência do Conselho Nacional Plenário discutir e votar do Relatório e Contas de gerência anual apresentados pelo Conselho Nacional.

1. Nota introdutória

O presente Relatório e Contas diz respeito exclusivamente às actividades do Conselho Nacional/Direcção.

O principal objectivo consiste em ilustrar a situação das contas do Conselho Nacional no final do exercício, apontando os factores mais relevantes na formação do resultado e situação financeira, os desvios verificados em relação aos valores orçamentados, assim como a evolução das principais rubricas nos últimos três anos.

2. Os saldos globais e desvios em relação ao Orçamento

O saldo das contas correntes foi negativo, no valor de € 20.729,32, conforme o seguinte quadro:

| Rubricas | (euros) | | | | | | |
|---------------------------|-----------|-----------|--------------------|-----------------------|-----------------------|-------------------|------------|
| | Receitas | Despesas | Saldo do Exercício | Receitas Orçamentadas | Despesas Orçamentadas | Saldo Orçamentado | Desvios |
| Contribuições e Donativos | 42.645,37 | 7.750,00 | 34.895,37 | 35.000,00 | 3.750,00 | 31.250,00 | 3.645,37 |
| Dinâmica do Conselho | 8.113,50 | 7.603,60 | 509,90 | 60.100,00 | 71.650,00 | -11.550,00 | 12.059,90 |
| Publicações | 20.655,62 | 18.416,94 | 2.238,68 | 25.300,00 | 31.000,00 | -5.700,00 | 7.938,68 |
| Juros Bancários | 873,01 | | 873,01 | 10.000,00 | | 10.000,00 | -9.126,99 |
| Funcionamento de Serviços | | 47.261,60 | -47.261,60 | | 25.300,00 | -25.300,00 | -21.961,60 |
| Manutenção de Serviços | | 2.013,94 | -2.013,94 | | 3.100,00 | -3.100,00 | 1.086,06 |
| Imóveis | | 9.970,74 | -9.970,74 | | 4.900,00 | -4.900,00 | -5.070,74 |
| Total | 72.287,50 | 93.016,82 | -20.729,32 | 130.400,00 | 139.700,00 | -9.300,00 | -11.429,32 |

Os desvios mais significativos em relação aos valores orçamentados foram os seguintes:

Desfavoráveis em Funcionamento dos Serviços (€21.961), Juros bancários (€9.127) e Imóveis (€5.071).

Favoráveis em Dinâmica do Conselho (€12.060), Publicações (€7.938) e Contribuições e Donativos (€ 3.645).

No que diz respeito aos desvios relativamente ao orçamento para 2010, destacam-se os seguintes factos:

- Na rubrica Funcionamento dos Serviços assume grande relevo o gasto de € 17.595,60 com honorários do advogado, que não se encontrava orçamentado.

Este montante foi responsável pelo maior desvio nas contas, e grandemente pelo resultado negativo verificado, pois na quase totalidade das restantes parcelas do Funcionamento dos Serviços houve redução de custos.

- Os juros bancários sofreram uma redução muito acentuada, pois houve a reformulação da conta a prazo, passando a ter vencimento anual para beneficiar de uma taxa de juro mais elevada.

- Nos imóveis, dispendeu-se € 5.392,70 com obras extraordinárias no prédio da Rua José Estêvão, as quais não estavam previstas.

- Na Dinâmica do Conselho, o desvio favorável de € 12.060 deveu-se à contenção de custos accionada pela Direcção.

De referir que a discrepância de valores movimentados em relação ao orçamento, tanto do lado das receitas como do lado das despesas, deveu-se exclusivamente ao facto das estadias dos venticinco na Peregrinação Nacional terem deixado de ser pagas através do Conselho Nacional, passando a sê-lo directamente pelos Conselhos Centrais e de Zona.

- O desvio positivo nas Publicações deveu-se em parte à redução do número de boletins emitidos, o que permitiu diminuir a factura mensal da impressão de € 1.438,50 para € 1.256,10.

O valor do desvio foi superior, mas deveu-se sobretudo à alteração do critério contabilístico do registo dos honorários da colaboradora, que anteriormente estavam a ser imputados exclusivamente ao Boletim, e que passaram a ser considerados na rubrica Funcionamento dos Serviços.

Demonstração de Resultados do Exercício

| | | | | (euros) | |
|----------------------------------|------------------|------------------------------------|-----------------|-------------------|--|
| Receitas Correntes | | Despesas Correntes | | | |
| Contribuições e donativos | | Contribuições e donativos | | | |
| Contribuições regulamentares | 39.947,51 | Contribuições Conselho Geral | 7.500,00 | | |
| Outros donativos | 2.697,86 | Outros donativos | 250,00 | | |
| | 42.645,37 | | 7.750,00 | | |
| Dinâmica do Conselho | | Dinâmica do Conselho | | | |
| Peregrinação Nacional | 7.569,50 | Peregrinação Nacional | 1.828,60 | | |
| Encontros e reuniões | | Encontros e reuniões | 5.252,15 | | |
| Emblemas / Medalhas / Cartões | 544,00 | Emblemas/Medalhas/Cartões | | | |
| Visitas a Conselhos e Assoc. | | Visitas a Conselhos e Assoc. | | | |
| Informação | | Informação | 247,85 | | |
| Dia da SSVP | | Dia da SSVP | 275,00 | | |
| | 8.113,50 | | 7.603,60 | | |
| Publicações | | Publicações | | | |
| Boletim | 20.397,85 | Boletim - Impressão | 13.966,50 | | |
| | | Boletim - Expedição | 3.640,44 | | |
| Regra | 16,98 | Regra - Impressão | | | |
| Edições do Conselho Nacional | 214,29 | Edições do Conselho Nacional | | | |
| | | Outras publicações | | | |
| Outras publicações | 26,50 | Devoluções - Regra | 810,00 | 18.416,94 | |
| | 20.655,62 | Funcionamento de Serviços | | | |
| Juros bancários | | Despesas com pessoal | 13.187,36 | | |
| | 873,01 | Encargos sociais | 1.815,37 | | |
| | 873,01 | Seguros do pessoal | 230,58 | | |
| Outras receitas | | Honorários advogado | 17.595,60 | | |
| | | Honorários - outros | 7.773,50 | | |
| | | Serviço de contabilidade | 3.600,00 | | |
| | | Electricidade / Água / Gás | 650,02 | | |
| | | Telefone e out. comunicações | 1.397,75 | | |
| | | Correio e expedições | 507,12 | | |
| | | Deslocações e refeições | 22,80 | | |
| | | Despesas bancárias | 42,30 | | |
| | | Outros encargos administrativos | 439,20 | 47.261,60 | |
| | | Manutenção de Serviços | | | |
| | | Material de expediente | 1.016,69 | | |
| | | Reparações e assistência | 900,00 | | |
| | | Móveis e utensílios | 20,85 | | |
| | | Limpeza | 76,40 | 2.013,94 | |
| | | Imóveis | | | |
| | | Condomínios e arrendamentos | 2.591,81 | | |
| | | Obras e reparações | 5.392,70 | | |
| | | Imp. Municipal s/ imóveis e taxas | 1.807,45 | | |
| | | Seguro das instalações | 178,78 | 9.970,74 | |
| Total Receitas Correntes | | Total Despesas Correntes | | 93.016,82 | |
| | 72.287,50 | Resultado Global do período | | -20.729,32 | |
| Soma dos Saldos | | Soma dos Saldos | | 72.287,50 | |
| | 72.287,50 | | | | |

Balancete Acumulado em 31/12/2010

| | (euros) |
|---|-------------------|
| CONTAS ORDINÁRIAS | |
| Saldo acumulado de anos anteriores | 368.036,79 |
| Imóveis (R. José Estêvão, Lisboa) | 220.000,00 |
| Total Fundos de anos anteriores | 588.036,79 |
| Receitas correntes do período | 72.287,50 |
| Despesas correntes do período | 93.016,82 |
| Resultado corrente do período | -20.729,32 |
| IRC | 0,00 |
| Resultado global do período | -20.729,32 |
| Saldo Acumulado | 567.307,47 |
| FUNDOS ESPECIAIS E RECEITAS CONSIGNADAS | |
| Saldo acumulado de anos anteriores | 61.296,18 |
| Recebido em 2010 | 6.063,06 |
| Sub-total | 67.359,24 |
| Pago em 2010 | 3.350,00 |
| Saldo Acumulado | 64.009,24 |
| SOMA DOS SALDOS | |
| Contas Ordinárias | 567.307,47 |
| Fundos Especiais e Receitas Consignadas | 64.009,24 |
| Total | 631.316,71 |
| COMPOSIÇÃO DO SALDO | |
| Imóveis: | |
| Rua José Estêvão, n.º 129, 5.º Dto. (Artigo 1897 Fração L Freg. S. Jorge Arroios) | 110.000,00 |
| Rua José Estêvão, n.º 129, 5.º Esq. (Artigo 1897 Fração M Freg. S. Jorge Arroios) | 110.000,00 |
| A Prazo no Banco Português de Investimento | 333.963,97 |
| À Ordem no Banco Português de Investimento | 9.180,14 |
| À Ordem na Caixa Geral de Depósitos | 1.182,75 |
| Em Caixa | 797,70 |
| Pagamentos a reembolsar por terceiros | 65.615,74 |
| Estado (Impostos e Contribuições correntes processados) - Valor líquido | 576,41 |
| Total | 631.316,71 |

Mapa das Receitas Consignadas e Fundos Especiais

| | (euros) | | | |
|---------------------|------------------|-----------------|-----------------|------------------|
| Rubrica | Sd 31/12/2009 | Recebido * | Pago * | Sd. 31/12/2010 |
| Fundo de Emergência | 26.160,81 | 450,00 | | 26.610,81 |
| Fundo Timor Leste | 35.135,37 | | | 35.135,37 |
| Fundo Madeira | | 3.350,00 | 3.350,00 | |
| Fundo Haiti | | 2.263,06 | | 2.263,06 |
| Total | 61.296,18 | 6.063,06 | 3.350,00 | 64.009,24 |

* Saldos acumulados até ao mês corrente

Contas com Reembolso

| Rubrica | Sd 31/12/2009 | Recebido * | Pago * | Sd. 31/12/2010 |
|--|------------------|------------------|------------------|------------------|
| Fornecedores de curto prazo | | | | |
| CTT | 144,41 | | | 38,74 |
| Diversos | | | | -60,00 |
| Pagamentos para reembolso por terceiros | | | | |
| Armando João Rocha | 66.380,60 | 2.000,00 | | 64.380,60 |
| C. C. Porto Fem. | | | 18,00 | 18,00 |
| António V. Gomes (Advogado) | 5.234,00 | 17.995,00 | 13.999,40 | 1.238,40 |
| C. C. Aveiro | | 163,80 | 163,80 | |
| Total | 71.759,01 | 20.158,80 | 14.181,20 | 65.615,74 |

* Saldos acumulados até ao mês corrente

Contribuições Regulamentares de Conselhos em 2010

| Conselho | (euros) | |
|--|------------------|--------------|
| | 2010 | Referente a: |
| Algarve | 3.967,40 | 2009 |
| Aveiro | 1.571,38 | 2009 |
| Beja | | |
| Braga | 2.300,00 | 2008/2009 |
| Bragança | | |
| Bragança - Conf.ª S. João Baptista da Sé | 52,00 | 2009 |
| Coimbra | | |
| Évora | 528,30 | 2009 |
| Évora - Conf.ª S. Beatriz da Silva | 298,28 | 2009 |
| Funchal | 2.981,33 | 2008/2009 |
| Famalicão - Cons. Particular | 1.906,29 | 2008/2009 |
| Guarda | 58,91 | 2009 |
| Lamego | 405,71 | 2009 |
| Leiria | 786,29 | 2009 |
| Lisboa | 4.408,86 | 2009 |
| Portalegre e Castelo Branco | 291,00 | 2009 |
| Porto (Fem.) | 4.810,00 | 2008/2009 |
| Porto (Masc.) | 13.286,46 | 2008/2009 |
| S. Miguel | | |
| Santarém | 900,00 | 2009 |
| Setúbal | 750,00 | 2009 |
| Terceira | | |
| Viana do Castelo | 375,00 | 2009 |
| Vila Real | | |
| Viseu | 270,30 | 2009 |
| Total | 39.947,51 | |

3. Apreciação por Rubricas

3.1. Contribuições e Donativos

| Receitas correntes - Rubrica: | 2010 | 2009 | 2008 |
|----------------------------------|------------------|------------------|------------------|
| Contribuições e donativos | | | |
| Contribuições regulamentares | 39.947,51 | 21.395,87 | 31.271,30 |
| Outros donativos | 2.697,86 | 2.235,00 | 1.905,00 |
| | 42.645,37 | 23.630,87 | 33.176,30 |

O valor das contribuições regulamentares de Conselhos aumentou em 2010, mas esse aumento deveu-se principalmente ao pagamento atrasado por parte de alguns Conselhos das contribuições referentes ainda a 2008.

| Despesas correntes - Rubrica: | 2010 | 2009 | 2008 |
|----------------------------------|-----------------|-----------------|------------------|
| Contribuições e donativos | | | |
| Contribuições Conselho Geral | 7.500,00 | | |
| Conselhos e Conferências | | | 5.000,00 |
| Organizações vicentinas | | | 5.000,00 |
| Outros donativos | 250,00 | 2.050,00 | 5.055,00 |
| | 7.750,00 | 2.050,00 | 15.055,00 |

Na contribuição para o Conselho Geral Internacional foram pagos dois anos em virtude de haver atrasos nos pagamentos.

3.2. Dinâmica do Conselho

| Receitas correntes - Rubrica: | 2010 | 2009 | 2008 |
|-------------------------------|-----------------|------------------|------------------|
| Dinâmica do Conselho | | | |
| Peregrinação Nacional | 7.569,50 | 48.941,62 | 65.035,95 |
| Emblemas / Medalhas / Cartões | 544,00 | 45,00 | 322,00 |
| Dia da SSVp | | 60,00 | |
| | 8.113,50 | 49.046,62 | 65.357,95 |

Conforme se referiu anteriormente, os montantes movimentados na Peregrinação Nacional reduziram muito relativamente aos anos anteriores devido aos alojamentos terem deixado de ser pagos através do Conselho Nacional.

No valor das receitas, € 4.320 dizem respeito a um recebimento ainda relativo a 2009, e o restante, à venda dos guiões.

| Despesas correntes - Rubrica: | 2010 | 2009 | 2008 |
|-------------------------------|-----------------|------------------|------------------|
| Dinâmica do Conselho | | | |
| Peregrinação Nacional | 1.828,60 | 55.946,22 | 62.363,23 |
| Encontros e reuniões | 5.252,15 | 2.099,64 | 5.425,85 |
| Jovens | | | 3.479,20 |
| Emblemas / Medalhas / Cartões | | 2.089,00 | |
| Formação | | | 1.540,80 |
| Informação | 247,85 | | 272,00 |
| Dia da SSVp | 275,00 | 597,60 | |
| Seguros - Membros da Mesa | | 484,47 | 224,48 |
| | 7.603,60 | 61.216,93 | 73.305,56 |

3.3. Publicações

| Receitas correntes - Rubrica: | 2010 | 2009 | 2008 |
|-------------------------------|------------------|------------------|------------------|
| Publicações | | | |
| Boletim | 20.397,85 | 16.852,80 | 21.051,00 |
| Regra | 16,98 | 62,86 | 162,37 |
| Edições do Conselho Nacional | 214,29 | 47,62 | 80,94 |
| Outras publicações | 26,50 | 604,23 | 70,71 |
| | 20.655,62 | 17.567,51 | 21.365,02 |

| Despesas correntes - Rubrica: | 2010 | 2009 | 2008 |
|-------------------------------|------------------|------------------|------------------|
| Publicações | | | |
| Boletim - Impressão | 13.966,50 | 18.663,60 | 23.267,18 |
| Boletim - Expedição | 3.640,44 | 3.301,27 | 4.107,42 |
| Devoluções: Regra | 810,00 | | |
| | 18.416,94 | 21.964,87 | 27.374,60 |

A redução efectiva no custo do Boletim deveu-se à redução da tiragem, diminuindo a factura mensal da impressão de € 1.438,50 para € 1.256,10, incluindo IVA, o que representa uma poupança de cerca de € 2.200 por ano.

A restante redução nas despesas com o Boletim não foi efectiva, pois deveu-se a uma alteração de critério contabilístico, conforme se referiu anteriormente.

3.4. Funcionamento dos Serviços

| Despesas correntes - Rubrica: | 2010 | 2009 | 2008 |
|----------------------------------|------------------|------------------|------------------|
| Funcionamento de Serviços | | | |
| Despesas com pessoal | 13.187,36 | 13.099,42 | 13.394,51 |
| Encargos sociais | 1.815,37 | 1.773,67 | 1.814,92 |
| Seguros do pessoal | 230,58 | | 266,32 |
| Serviços da AOA | | 5.455,32 | 11.224,45 |
| Serviço de contabilidade | 3.600,00 | 3.600,00 | 3.616,00 |
| Honorários advogado | 17.595,60 | | |
| Honorários - outros | 7.773,50 | | |
| Electricidade / Água / Gás | 650,02 | 622,02 | 612,78 |
| Telefone e out. comunicações | 1.397,75 | 3.441,05 | 3.010,78 |
| Correio e expedições | 507,12 | 506,67 | 332,98 |
| Deslocações e refeições | 22,80 | 406,60 | 1.203,57 |
| Despesas bancárias | 42,30 | 85,74 | 101,00 |
| Multas e penalidades | | | 18,36 |
| Outros encargos administrativos | 457,20 | 72,29 | 214,52 |
| | 47.279,60 | 29.062,78 | 35.810,19 |

Nota: O valor registado em "honorários - outros" era anteriormente imputado ao Boletim.

3.5. Manutenção dos Serviços

| Despesas correntes - Rubrica: | 2010 | 2009 | 2008 |
|-------------------------------|-----------------|-----------------|-----------------|
| Manutenção de Serviços | | | |
| Material de expediente | 1.016,69 | 1.102,27 | 6.297,78 |
| Equipamento de escritório | | | 399,00 |
| Reparações e assistência | 900,00 | 1.025,00 | 975,00 |
| Móveis e utensílios | 20,85 | | 144,78 |
| Limpeza | 76,40 | 60,85 | 36,02 |
| | 2.013,94 | 2.188,12 | 7.852,58 |

3.6. Imóveis

| Despesas correntes - Rubrica: | 2010 | 2009 | 2008 |
|---|-----------------|-----------------|-----------------|
| Imóveis | | | |
| Renda da Av. Casal Ribeiro | | | 7,48 |
| Condomínio da R. Jorge Afonso | 980,95 | 814,19 | 997,19 |
| Condomínio da R. José Estêvão | 1.610,86 | 2.947,34 | 3.366,22 |
| Obras e reparações (R. José Estêvão) | 5.392,70 | 3,60 | 144,56 |
| Imposto Municipal sobre imóveis e taxas | 1.807,45 | | |
| Seguro das instalações | 178,78 | 178,79 | 394,94 |
| | 9.970,74 | 3.943,92 | 4.910,39 |

O aumento do valor despendido com os imóveis deveu-se principalmente às obras extraordinárias no elevador do prédio da Rua José Estêvão (€ 3.723), assim como ao início da remodelação de um dos apartamentos (€ 1.670), a qual se destina a possibilitar o seu posterior arrendamento ou venda.

3.7. Resultado Global

Foi a seguinte a evolução do resultado global verificado nos três últimos anos:

| | 2010 | 2009 | 2008 |
|-----------------------------|------------|------------|------------|
| Resultado Global do período | -20.747,32 | -69.500,14 | -29.109,04 |

3.8. Fundos Especiais e Contas Consignadas

De registar o recebimento e entrega de donativos para o Fundo destinado à Madeira, no valor de € 3.350, assim como o recebimento de € 2.263 destinados ao Fundo Haiti.

3.9. Contas com Reembolso

Nas Contas com reembolso, que são contas de terceiros, referentes a pagamentos ou recebimentos específicos a reembolsar, destaca-se o não cumprimento por parte do Armando João Rocha do acordo titulado com cheques pré-datados, que têm sido todos devolvidos.

4. Nota conclusiva

O saldo global verificado no exercício foi negativo, no valor de € 20.729,32.


Conforme se verificou anteriormente, este resultado negativo deveu-se à ocorrência de despesas avultadas não previstas, como os honorários do advogado e as obras no imóvel da Rua José Estêvão.

Para além destas despesas inesperadas, a Direcção Nacional reduziu todos os gastos por si controláveis, nomeadamente com a impressão do Boletim, deslocações e comunicações.

Como consequência do resultado negativo, o saldo acumulado das contas ordinárias do Conselho Nacional reduziu-se para € 567.307,47.

De referir que neste valor está incluído um crédito de cobrança duvidosa constante das contas com reembolso, de € 64.380,60.

A redução sistemática da reserva de tesouraria que se tem verificado nos últimos anos merece preocupação e impõe a tomada de medidas para inverter essa tendência, nomeadamente a contenção das despesas em níveis ajustados às fontes de receitas existentes, e porventura a obtenção de novas receitas.

O objectivo fundamental deverá continuar a ser o equilíbrio orçamental das contas correntes do Conselho Nacional, apesar dos meios financeiros existentes, os quais terão necessariamente de ser na realização dos fins da SSVP. 

O Presidente do Conselho Nacional

O Tesoureiro

Anexo – Inventário das Publicações em 31/12/2010

| Descrição | Quant. | Val. Unit. | Total |
|--|----------|------------|------------------|
| A Acção Sócio Caritativa (C.C. Porto Fem.) | 82,00 | 1,50 | 123,00 |
| Cartas de Ozanam | 80,00 | 4,50 | 360,00 |
| Cartas de Ozanam (Ed. C.C. Porto Fem.) | 20,00 | 6,00 | 120,00 |
| Comemorações dos Aniversários da SSVP | 528,00 | 5,00 | 2.640,00 |
| Desdobráveis (Uma Apresentação) | 1.700,00 | 0,02 | 34,00 |
| Divino Hóspede | 630,00 | 2,50 | 1.575,00 |
| Pins SSVP | 5.000,00 | 1,00 | 5.000,00 |
| Feliz Quem | 18,00 | 5,00 | 90,00 |
| Frederic Ozanam - O Percursor | 180,00 | 2,50 | 450,00 |
| Frederico Ozanam - Banda Desenhada | 280,00 | 1,50 | 420,00 |
| Memorial da Beatificação | 120,00 | 10,00 | 1.200,00 |
| Modelos Vicentinos | 2.070,00 | 2,50 | 5.175,00 |
| Nós e os Pobres | 50,00 | 1,50 | 75,00 |
| Nota Pastoral (Frederic Ozanam) | 13,00 | 1,00 | 13,00 |
| O Exercício do Voluntariado | 90,00 | 0,25 | 22,50 |
| Ozanam - Um Santo Leigo | 153,00 | 3,75 | 573,75 |
| Ozanam Universitário | 57,00 | 1,00 | 57,00 |
| Paladino da Nova Era | 30,00 | 2,50 | 75,00 |
| Sinopses | 576,00 | 0,25 | 144,00 |
| Véu de Noivado | 40,00 | 2,50 | 100,00 |
| Total | | | 18.247,25 |

ASSOCIAÇÃO DA SOCIEDADE DE S. VICENTE DE PAULO

RELATÓRIO E CONTAS DO EXERCÍCIO DE 2010

PARECER DO CONSELHO FISCAL


Estimados Associados Vicentinos,

Dando cumprimento ao estatuído e no cumprimento da Lei vigente, vem o Conselho Fiscal da Associação da Sociedade de S. Vicente de Paulo de Portugal, submeter à apreciação dos Senhores Associados o seu parecer sobre os documentos de prestação de contas relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 2010.

Durante o exercício de 2010 acompanhámos a actividade da Associação da Sociedade de S. Vicente de Paulo e analisámos, por amostragem, os elementos contabilísticos da mesma, tendo verificado o cumprimento das disposições legais e estatutárias.

Assim, propõe o Conselho Fiscal:

1 - Que seja aprovado o Relatório de Contas do exercício de 2010 da Associação da Sociedade de S. Vicente de Paulo;

2 - Que se manifeste reconhecimento a todos os Conselhos Centrais, Conselhos de Zona, Conferências e colaboradores que contribuíram para o progresso da Associação da Sociedade de S. Vicente de Paulo de Portugal e, em especial, à actual Direcção pelo seu esforço e empenho na reorganização da nossa Sociedade. 

Cristo-Rei, Almada, 19 de Março de 2011

Presidente:



Vogal:



Vogal:

